



FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

2º ciclo do 1º bimestre da 3ª série

Eixo bimestral: **POESIA E ROMANCE NO MODERNISMO /**

MANIFESTO E PANFLETO

Gerência de Produção

Luiz Barboza

Coordenação Acadêmica

Gerson Rodrigues

Coordenação de Equipe

Bárbara Fadul

Conteudistas

Marli Pereira

Edição On-Line Revista e Atualizada

Rio de Janeiro

2014



O QUE ENSINAR?

LEITURA

- Relacionar os modos de organização da linguagem às escolhas do autor, à tradição literária e ao contexto sociocultural de cada época.
- Caracterizar o Modernismo brasileiro.
- Identificar o caráter de transgressão/manutenção presente na literatura modernista.
- Avaliar a significação dos panfletos na configuração estética das produções literárias modernistas.
- Estabelecer relações intertextuais entre os textos literários lidos e outras formas de manifestação artística.

USO DA LÍNGUA

- Reconhecer a estrutura da frase, do período, do parágrafo e exercitar sua formação e progressão.
- Explorar questões relacionadas à pontuação em sua articulação com a estrutura sintática e com as escolhas estilísticas dos autores.
- Identificar e promover relações de concordância nominal e verbal entre unidades do discurso.

PRODUÇÃO TEXTUAL

- Produzir manifestos e panfletos que discutam aspectos políticos e sociais abordados nos textos literários estudados, considerando a importância do tópico frasal para a proposição de argumentos e premissas.

COMO ENSINAR?

Nesta seção, as habilidades e competências deste 2º ciclo do 1º bimestre serão trabalhadas a partir de uma sequência didática que sugere práticas para serem aplicadas em sua sala de aula. De forma semelhante, as referências bibliográficas indicadas nesta seção se direcionam, especificamente, às habilidades/competências deste ciclo.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA: A SEGUNDA FASE DO MODERNISMO BRASILEIRO

– LIBERDADE PARA ROMPER OU MANTER –

Nesta sequência, foram agrupados os descritores de *Leitura* previstos para este ciclo, que enfatiza o segundo momento do movimento modernista.

Leitura:

- *Relacionar os modos de organização da linguagem às escolhas do autor, à tradição literária e ao contexto sociocultural de cada época.*
- *Caracterizar o Modernismo brasileiro.*
- *Identificar o caráter de transgressão/manutenção presente na literatura modernista.*
- *Estabelecer relações intertextuais entre os textos literários lidos e outras formas de manifestação artística.*

PASSO 1: APRESENTAR O CARÁTER DE MANUTENÇÃO E TRANSGRESSÃO NA POESIA DA SEGUNDA FASE MODERNISTA

Para iniciar o estudo da poesia da segunda fase modernista, é interessante apresentar alguns exemplos a fim de que os alunos possam recuperar neles o essencial caráter de questionamento que marcou a produção desse período. Tal caráter que se manifestou, principalmente, na forma (linguagem, métrica etc.) durante a primeira fase

do movimento, nesse período, manifesta-se, essencialmente, na temática. Para que os alunos possam recuperar essa característica, você pode partir dos exemplos a seguir¹, de autoria do poeta Carlos Drummond de Andrade, um dos artistas que melhor representou o espírito da fase em estudo neste ciclo:

Poema 1²	Poema 2³
<p>Os ombros suportam o mundo</p> <p>Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus. Tempo de absoluta depuração. Tempo em que não se diz mais: meu amor. Porque o amor resultou inútil. E os olhos não choram. E as mãos tecem apenas o rude trabalho. E o coração está seco. [...]</p> <p>Teus ombros suportam o mundo [...] A vida apenas, sem mistificação.</p>	<p>Sentimento do mundo</p> <p>Tenho apenas duas mãos e o sentimento do mundo, mas estou cheio de escravos, minhas lembranças escorrem e o corpo transige na confluência do amor. [...]</p> <p>Os camaradas não disseram que havia uma guerra e era necessário trazer fogo e alimento. [...]</p>

Depois de apresentar trechos dos poemas, peça aos alunos que:

- (1) analisem os textos quanto à forma (há métrica regular e presença de rimas?; a linguagem é rebuscada ou se aproxima da cotidiana? etc.);
- (2) selecionem uma palavra para designar o sentimento do poeta em relação ao mundo.

1 Se possível, apresente os poemas na íntegra aos alunos.

2 ANDRADE, Carlos Drummond. Sentimento do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 9; 33.

3 Idem, p. 33.

Dessa forma, eles perceberão, em (1), a presença de versos livres e de um vocabulário não rebuscado (mais próximo ao cotidiano). Comente que tais conquistas são frutos da primeira fase modernista, que defendeu uma profunda revolução na forma e na linguagem das obras literárias. Em seguida, com relação ao conteúdo, você pode apresentar um exemplar da primeira fase⁴ e solicitar que eles identifiquem em qual das fases é possível recuperar uma questão existencial mais profunda; eles, provavelmente, recuperarão que a inquietação em relação à existência humana é mais latente nos poemas dessa segunda fase.

A partir dessas observações, em (2), para designar o sentimento do poeta em relação ao mundo, os alunos, em geral, podem selecionar palavras como “pessimismo”, “angústia”, “pesar”, “mágoa” ou outras de sentido similar. Depois de debater a seleção de palavras, uma sugestão é apresentar a tela *Guernica*⁵, produzida em 1937, por Pablo Picasso; essa obra, de influência cubista, é símbolo do terror produzido pelas guerras. Você pode pedir para os alunos estabelecerem uma relação entre os poemas lidos e a tela.

Após essas primeiras considerações, seria interessante apresentar um breve contexto histórico em que a segunda fase modernista se desenvolveu, como no quadro a seguir⁶:

4 Uma sugestão é selecionar algum exemplar mais satírico entre os poemas estudados no ciclo anterior, como “Pronominais”, de Oswald de Andrade, ou “Moça linda bem tratada”, de Mário de Andrade.

5 Disponível em <http://tecciencia.ufba.br/articles/0001/2563/guernica.jpg?1334281169>

6 Quadro adaptado de DE NICOLA, José. Literatura brasileira: das origens aos nossos dias. São Paulo: Scipione, 2007, pp. 452, 453.

Quadro 1– Contexto histórico

Alguns acontecimentos marcantes	
S E G M E N T O S	<p>ARTE</p> <ul style="list-style-type: none"> • Heitor Villa-Lobos inicia a composição de <i>Bachianas Brasileiras</i> (1930). • Candido Portinari pinta a tela <i>O café</i> e volta sua arte à realidade brasileira (1935). <p>CINEMA</p> <ul style="list-style-type: none"> • Encomendado por Hitler, Ferdinand Porsche constrói o primeiro Volkswagen (1936). • Charles Chaplin filma <i>Tempos Modernos</i> (1936). • Picasso pinta a tela <i>Guernica</i> (1937). <p>INVENÇÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Invenção da caneta esferográfica (1938). <p>LITERATURA</p> <ul style="list-style-type: none"> • Jean-Paul Sartre publica <i>A náusea</i> (1938). • Charles Chaplin filma <i>O grande ditador</i> (1940). • Orson Welles filma <i>Cidadão Kane</i> (1941). • Jean-Paul Sartre publica <i>O ser e o nada</i> (1943).

S E G M E N T O S	PO LÍ TI CA E EC O N O MI A	<ul style="list-style-type: none"> • Hitler manda para campos de concentração opositores esquerdistas e judeus (1933). • O presidente dos EUA Franklin Roosevelt lança um plano econômico marcado pela forte intervenção do Estado na economia (New Deal) (1933). • Guerra Civil Espanhola: republicanos x fascistas. Aviões alemães bombardeiam a cidade basca de Guernica. Os fascistas vencem a guerra civil (1936-1939). • Os japoneses tomam Pequim, Xangai e Nanquim dos adversários chineses (1937). • Eixo Berlim-Roma é formado a partir da aliança Hitler-Mussolini e, mais tarde, ampliado com a entrada do Japão (Roma-Berlim-Tóquio) (1939). • Alemanha invade a Polônia, e França e Inglaterra reagem, dando início a Segunda Guerra Mundial (1939). • Segunda Guerra Mundial: poderosos ataques alemães a países europeus; ocupação alemã de Paris; ataque japonês a base norte americana de Pearl Harbor; EUA declaram guerra ao Japão; Alemanha e Itália declaram guerra aos EUA; iniciam derrotas do Eixo Roma-Berlim-Tóquio; os Aliados (países que se opuseram ao Eixo) retomam o norte da Europa (Dia D); Paris é libertada; ataque alemão à Inglaterra com bombas V-2; Mussolini é fuzilado na Itália, Hitler suicida-se na Alemanha e a aviação norte-americana lança a bomba atômica sobre Hiroxima e Nagasaki; fim da Segunda Guerra Mundial (1940-1945). • Criação da ONU (1945). <p>BRASIL:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Revolução de 30 finda a política do café-com-leite e Getúlio Vargas assume o governo (1930). • Oligarquia cafeeira de São Paulo opõe-se ao governo Vargas e promove a Revolução Constitucionalista (1932). • Levante comunista no Brasil (1935). • Início da ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas (1937). • Vargas, pressionado, entra na Guerra ao lado dos Aliados (1942). • Deposição de Vargas (1945).
--	--	---

Com a exposição do quadro, os alunos poderão compreender, com mais clareza, o conflito extremo que ocorria no período e a forma como ele se refletiu na arte. Nesse momento, vale voltar às palavras selecionadas pelos alunos para designar o sentimento de Drummond, relacionando-as ao contexto em que se desenvolveu a segunda fase modernista.

Comente com os alunos que, como os artistas da primeira fase já haviam deixado uma abertura a todas as experiências, a partir de 30, os poetas puderam conquistar dimensões temáticas novas, como a social (por exemplo, em Drummond e Murilo Mendes) e a espiritualista (por exemplo, em Jorge de Lima, Cecília Meireles e Vinícius de Moraes). É interessante destacar que a segunda fase modernista foi marcada tanto pela liberdade de criar quanto pela de manter (por exemplo, com o retorno às formas fixas predominantes em períodos literários anteriores, como o Simbolismo).

Acrescente, para eles, que o interesse fundamental dos poetas de 30 se embasava no sentido da existência humana, no confronto do homem com a realidade, no “estar-no-mundo”. Esse interesse possibilitou, nessa segunda fase, uma multiplicidade temática: os poetas se voltaram tanto para problemas sociais e históricos, como para inquietações existenciais e religiosas. Além da temática, a liberdade experimentada nessa segunda fase modernista manifestou-se, também, na forma. Para mostrar, de forma mais clara, essa diversidade na temática e na forma, pode ser interessante apresentar alguns poemas dessa fase, como os sugeridos a seguir:

Poema 3 ⁷	Poema 4
<p>Nosso tempo</p> <p>Carlos Drummond de Andrade</p> <p>O poeta declina de toda responsabilidade na marcha do mundo capitalista e com suas palavras, intuições, símbolos e outras armas promete ajudar a destruí-lo como uma pedreira, uma floresta um verme.</p>	<p>Soneto à lua</p> <p>Vinícius de Moraes</p> <p>Por que tens, por que tens olhos escuros E mãos lânguidas, loucas e sem fim Quem és, quem és tu, não eu, e estás em mim Impuro, como o bem que está nos puros?</p> <p>Que paixão fez-te os lábios tão maduros Num rosto como o teu criança assim</p> <p>[...] continua⁸</p>

Discuta com os alunos que o poema 3 é um exemplo da incorporação da temática social na literatura dessa fase. Considerando o contexto histórico do período, era possível verificar, não somente no Brasil, mas em todo o mundo, o crescimento de uma literatura social, envolvida com a causa política, de modo que a poesia era posta a serviço da causa revolucionária, como instrumento de luta. Em sua fase social, o poeta Carlos Drummond de Andrade aderiu aos problemas de seu tempo, manifestando um sentimento de solidariedade diante das frustrações e das esperanças humanas. Peça, ainda, que os alunos observem a estrutura do poema, construído com versos livres (uma conquista da primeira fase do movimento modernista).

Já no poema 4, oriente os alunos a notarem a presença de uma temática mais intimista, que não remete ao caráter social. Peça, também, para observarem a estrutura.

7 ANDRADE, Carlos Drummond de. A rosa do povo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945, p.48.

8 Por questões de liberação, o soneto foi publicado parcialmente. Acesse na íntegra em http://www.viniciusdemoraes.com.br/site/article.php3?id_article=81.

Acrescente que, na segunda fase da poesia modernista, livres do compromisso de combater o passado, os artistas mantiveram muitas conquistas da geração anterior, mas também se sentiam inteiramente à vontade para voltar a cultivar certos recursos poéticos que o radicalismo da primeira geração tornara objeto de desprezo, como os versos regulares (metrificados), a rima, a estrofação criteriosa e as formas fixas, como o soneto. Nesse exemplo, Vinícius de Moraes, grande sonetista de nossa literatura, deu uma roupagem diferente a esse tipo de composição, mais moderna e real, decorrente do uso de vocábulos cotidianos.

PASSO 2: ANALISAR O CARÁTER DE MANUTENÇÃO E TRANSGRESSÃO NO ROMANCE DE 30

Antes de apresentar as características da prosa da segunda fase modernista, seria interessante recorrer a recursos visuais, a fim de estimular a curiosidade dos alunos e de levá-los a uma reflexão crítica sobre o papel social da arte. Uma boa sugestão poderia ser o quadro abaixo, de Cândido Portinari, que ilustra um problema brasileiro secular muito recorrente na prosa modernista: a seca do nordeste.



Retirantes - Cândido Portinari

Figura 1 – *Os Retirantes*⁹, de Cândido Portinari

Fonte: www.educacaopublica.rj.gov.br

Para ampliar o repertório cultural dos alunos, seria interessante mencionar algumas informações sobre o artista. Comente, com a turma, que Portinari foi um dos artistas plásticos brasileiros de maior repercussão mundial, consagrado com diversos prêmios; sua obra é contemporânea ao modernismo de segunda fase e apresenta como fio condutor a temática social. O quadro “Os retirantes”, lançado em 1944, retrata a retirada de uma família do sertão nordestino que foge da seca em busca de melhores condições de vida.

⁹ Para visualizar a obra em cores, acessar

http://masp.art.br/masp2010/upload_pic/0324%20P%202008%20Masp_0189.jpg

A partir da imagem, você pode levantar algumas questões que estimulem uma reflexão maior sobre a cena retratada na obra. Peça para os alunos:

- (1) descreverem os elementos naturais do cenário;
- (2) recuperarem as cores predominantes e associá-las à temática da seca;
- (3) identificarem características físicas e traços da fisionomia das personagens em destaque na cena, correlacionando-as às consequências da seca.

Dessa forma, em (1), os alunos notarão que o quadro retrata um cenário triste, desolador, quase sem vida devido ao impacto da seca: o solo está seco e duro, não há flores nem plantas, o céu está escuro, embora não haja nuvens, a lua está opaca, sem brilho e existem alguns animais mortos, o que atrai a presença de urubus. Em (2), eles recuperarão que as cores predominantes no cenário são cinza, marrom, preto e azul. Você pode acrescentar que, excetuando o azul, essas cores de matizes mais escuras corroboram esse cenário de miséria causado pela seca, reforçando o aspecto de degradação da natureza e das personagens. Em (3), é importante levá-los a explorarem aspectos postos em relevo pelo artista: na cena, há pessoas que representam todas as faixas etárias: crianças, adultos, idosos (homens e mulheres); estimule-os a perceberem que a seca acomete a todos de forma cruel: as personagens estão com roupas rasgadas, descalças e possuem aparência esquelética; uma das crianças tem um corpo disforme, enquanto outra apresenta uma barriga bastante saliente, provavelmente a chamada barriga d'água; quanto à fisionomia, os alunos perceberão os olhares tristes e o aspecto cansado das personagens, o que pode revelar uma falta de esperança de uma vida melhor. Dessa forma, eles relacionarão os traços físicos (por exemplo, desnutrição) e fisionômicos (tristeza, cansaço) às sequelas da seca. Acrescente, por fim, que a obra cumpre um papel de denúncia social, de arauto dos miseráveis e dos desvalidos.

Após a análise da imagem, você pode acrescentar que esse engajamento social ocorre também na literatura, principalmente, na segunda geração modernista. Seria, então, interessante apresentar o seguinte fragmento do romance *Vidas Secas*¹⁰, de Graciliano Ramos, que aborda a temática da seca e seu impacto na vida das pessoas.

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala.

Arrastaram-se para lá, devagar, sinhá Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça, Fabiano sombrio, cambaio, o aió a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro. O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás.

Os juazeiros aproximaram-se, recuaram, sumiram-se. O menino mais velho pôs-se a chorar, sentou no chão.

– Anda, condenado do diabo, gritou-lhe o pai.

Não obtendo resultado, fustigou-o com a bainha da faca de ponta. Mas o pequeno esperneou acuado, depois sossegou, deitou-se, fechou os olhos. Fabiano ainda lhe deu algumas pancadas e esperou que ele se levantasse. Como isto não acontecesse, espiou os quatro cantos, zangado, praguejando baixo.

A catinga estendia-se, de um vermelho indeciso salpicado de manchas brancas que eram ossadas. O voo negro dos urubus fazia círculos altos em redor de bichos moribundos.

– Anda, excomulgando.

O pirralho não se mexeu, e Fabiano desejou matá-lo. Tinha o coração grosso, queria responsabilizar alguém pela sua desgraça. A seca aparecia-lhe como um fato necessário – e a obstinação da criança irritava-o. Certamente esse obstáculo miúdo não era culpado, mas dificultava a marcha, e o vaqueiro precisava chegar, não sabia onde. (...)

Pelo espírito atribulado do sertanejo passou a ideia de abandonar o filho naquele descampado. Pensou nos urubus, nas ossadas, coçou a barba ruiva e suja, irresoluto, examinou os arredores. Sinhá Vitória estirou o beijo indicando vagamente uma direção e afirmou com alguns sons guturais que estavam perto. Fabiano meteu a faca na bainha, guardou-a no cinturão, acorrou-se, pegou no pulso do menino, que se encolhia, os joelhos encostados no estômago, frio como um defunto. Aí a cólera desapareceu e Fabiano teve pena. Impossível abandonar o anjinho aos bichos do mato. Entregou a espingarda a sinhá Vitória, pôs o filho no cangote, levantou-se agarrou os bracinhos que lhe caíam sobre o peito, moles, finos como cambitos. Sinhá Vitória aprovou esse arranjo, lançou de novo a interjeição gutural, designou os juazeiros invisíveis.

E a viagem prosseguiu, mais lenta, mais arrastada, num silêncio grande.

10 RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 64 ed. São Paulo: Record, 1993, pp. 9-10

A partir da apresentação do trecho do romance, é interessante mencionar para os alunos que *Vidas Secas*, publicado em 1938, faz parte da geração regionalista da segunda fase modernista e retrata a vida miserável de uma família de retirantes sertanejos obrigados a se deslocar de tempos em tempos, fugindo da seca, e em busca de uma vida melhor. O excerto destacado é o início do primeiro capítulo do romance, intitulado *A mudança*. A partir dele, pode ser produtivo propor alguns questionamentos que levem os alunos a relacionarem traços da obra literária à plástica (analisada anteriormente).

Solicite aos alunos que:

- (1) identifiquem elementos comuns entre o texto e o quadro, recuperando trechos que comprovem as características apontadas;
- (2) reconheçam a visão do sertanejo sobre a seca;
- (3) observem e comentem o comportamento verbal das personagens;
- (4) atentem para o predomínio de uma linguagem padrão mesclado a algumas expressões mais coloquiais (regionalistas) e relacionem essa linguagem e a temática abordada ao que já viram do Modernismo brasileiro.

A partir das questões propostas, espera-se que, em (1), os alunos identifiquem a presença da seca nas duas paisagens; leve-os a recuperarem trechos relacionados ao cenário e às personagens retratados no quadro: por exemplo, **a vegetação seca ou praticamente ausente** (“A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala.”), **animais moribundos, mortos de fome** (“A catinga estendia-se, de um vermelho indeciso salpicado de manchas brancas que eram ossadas. O voo negro dos urubus fazia círculos altos em redor de bichos moribundos”) e **a fome** (“pegou no pulso do menino, que se encolhia, os joelhos encostados no estômago, frio como um defunto”). É interessante acrescentar que o quadro e o texto denunciam as consequências mais evidentes da seca: a fome, a desnutrição, a miséria e a migração para os centros

urbanos. É importante, ainda, mencionar a permanência dessa situação até os dias atuais, evidenciando que pouca coisa mudou nesse período de tempo¹¹. Diante dessa constatação, leve os alunos a refletirem sobre essa questão ainda permanente (por que as condições de vida do sertanejo continuam as mesmas?; será que a seca é apenas um problema climático ou é também um problema sócio-político?; se a seca já é previsível, por que não se faz nada para amenizar os seus impactos na vida das pessoas que são vítimas dela?).

Depois de relacionarem o contexto de seca retratado no texto e no quadro, na questão (2), os alunos serão levados a reconhecer que, no texto, o sertanejo parece não ter consciência da problemática social e política que envolve o fenômeno da seca, apresentando-se alheio a essas questões. Acrescente que, por conceber a seca como uma fatalidade (“A seca parecia-lhe como um fato necessário – e a obstinação da criança irritava-o.”), as personagens não responsabilizam ninguém. Diante dessa postura alienada e passiva, é importante ressaltar, aqui, o papel de porta-voz dos excluídos que o romance de 30 exerce, evidenciando o caráter fortemente ideológico da segunda fase modernista. Estimule-os a notarem que o escritor modernista é um homem comprometido com o seu tempo e com os problemas sociais que o cercam.

A alienação vista na questão (2) é, também, confirmada pelo comportamento verbal das personagens que os alunos observarão em (3). Eles, provavelmente, notarão que elas se comunicam muito pouco verbalmente e, quando isso acontece, usam um vocabulário ríspido, grosso, como no caso de Fabiano ao se dirigir a seu filho, quase desfalecido de tanta fome (“Anda, excomungado”); outro exemplo é o caso de sinhá

¹¹ Para reiterar essa afirmação, seria interessante apresentar aos alunos alguma reportagem atual sobre a temática da seca. No link <https://www.youtube.com/watch?v=Hmxb0PtKLdk>, você tem acesso a uma reportagem atual do Jornal Nacional sobre a pior seca dos últimos 30 anos.

Vitória, que, quando quer falar, se comunica através de gestos ou de sons mais próximos à linguagem de animais como ilustra o seguinte trecho: “Sinhá Vitória estirou o beijo indicando vagamente uma direção e afirmou com alguns sons guturais que estavam perto.”. Acrescente, para os alunos, que, com essa linguagem rudimentar, o romancista pretendeu reforçar o processo de desumanização que a seca provoca nas personagens. É importante mencionar, ainda, que, por causa da paupérrima articulação verbal dos personagens, reflexo das adversidades naturais e sociais que os afligem, nenhum parece estar apto a assumir o papel de narrador, o que pode ser a justificativa de o autor optar pelo uso de um narrador em terceira pessoa (*Vidas Secas* é o único romance de Graciliano Ramos escrito em terceira pessoa).

Já em (4), os alunos serão levados a observar que o escritor utiliza a variedade padrão, mesclada a algumas expressões regionalistas, de natureza mais popular (por exemplo, “escanchado no quarto”, “estirou o beijo”, “cambito”). Com isso, eles perceberão que a escolha dessas expressões, de certa forma, aproxima-se aos ideais da primeira fase modernista que defendia o uso de uma linguagem mais popular, mais próxima do falar brasileiro. Estimule-os a notarem que, ao contrário do ocorrido na primeira fase, o predomínio da norma padrão evidencia que essa segunda geração já não estava mais tão preocupada em revolucionar ou romper com os dogmas tradicionais (acadêmicos). Vale acrescentar que um ponto em comum do romance (2ª fase) com a 1ª fase é a busca por uma literatura que retratasse a diversidade social, cultural e natural do nosso país: uma literatura que desse conta de nosso caráter multifacetado. Como os alunos viram no Roteiro de Atividades do ciclo anterior (Acalanto ao seringueiro), nesse romance, Graciliano Ramos também busca revelar um outro Brasil, muitas vezes esquecido e até desconhecido: o sertão nordestino, o sertanejo, os grandes latifundiários e a política coronelista que ainda hoje apresenta resquícios no Nordeste.

Depois de propor, a partir dos questionamentos, uma leitura mais aprofundada do(s) texto(s), seria interessante destacar pontos de convergência e de divergência entre a segunda e a primeira fases modernistas a fim de que os alunos recuperem tanto o caráter de transgressão como o de manutenção que marcaram o período em estudo. Uma estratégia interessante seria comparar um exemplar dessa segunda fase a um da primeira e a um de uma estética anterior.

Para evidenciar o caráter de transgressão que marcou a primeira fase, uma sugestão é retomar trechos de *Macunaíma*, de Mário de Andrade, obra já explorada no primeiro ciclo. O fragmento abaixo¹² foi extraído do primeiro capítulo e narra o momento em que os três personagens – Macunaíma, Jiguê e Maanape – se transformam em representantes das três raças que deram origem à formação do povo brasileiro: o branco, o índio e o negro, respectivamente.

Quando o herói saiu do banho estava branco louro e de olhos azuizinhos, água lavara o pretume dele. E ninguém não seria capaz mais de indicar nele um filho da tribo retinta dos Tapanhumas.

Nem bem Jiguê percebeu o milagre, se atirou na marca do pezão do Sumé. Porém a água já estava muito suja da negrura do herói e por mais que Jiguê esfregasse feito maluco atirando água pra todos os lados só conseguiu ficar da cor do bronze novo. Macunaíma teve dó e consolou:

— Olhe, mano Jiguê, branco ficou você não, porém pretume foi-se e antes fanhoso que sem nariz.

Maanape então é que foi se lavar, mas Jiguê esborrifara toda a água encantada pra fora da cova. Tinha só um bocado lá no fundo e Maanape conseguiu molhar só a palma dos pés e das mãos. Por isso ficou negro bem filho da tribo dos Tapanhumas. Só que as palmas das mãos e dos pés dele são vermelhas por terem se limpado na água santa. Macunaíma teve dó e consolou:

— Não se avexe, mano Maanape, não se avexe não, mais sofreu nosso tio Judas!

E estava lindíssima na Sol da lapa os três manos um louro um vermelho outro negro, de pé bem erguidos e nus. Todos os seres do mato espiavam assombrados. O jacarêuna o jacarêtinga, o jacaré-açu o jacaré-ururau de papo amarelo, todos esses jacarés botaram os olhos de rochedo

12 ANDRADE, Mário de. *Macunaíma - o Herói sem Nenhum Caráter*. São Paulo: Livraria Martins Editora S. A, 1974. Também disponível em <http://pt.scribd.com/doc/96480336/Macunaima-Mario-de-Andrade>

pra fora d'água. Nos ramos das igazeiras das aningas das mamoranas das embaúbas dos catauaris de beira-rio o macaco-prego o macaco-de-cheiro o guariba o bugio o cuatá o barrigudo o coxiú ocairara, todos os quarenta macacos do Brasil, todos, espiavam babando de inveja. E os sabiás, o sabià cia o sabià poca o sabià úna o sabià pirangao sabià gonga que quando come não me dá, o sabiá-barranco o sabiá-tropeiro o sabiá-laranjeira o sabiá-gute todos esses ficaram pasmos e esqueceram de acabar o trinado, vozeando vozeando com eloquência. Macunaíma teve ódio. Botou as mãos nas ancas e gritou pra natureza:

— Nunca viu não! Então os seres naturais debandavam vivendo e os três manos seguiram caminho outra vez.

Verbetes

Cambaio: De pernas tortas, geralmente metendo os joelhos para dentro.

Aió: Bolsa para caça, feita geralmente de fibras de caroá.

Cuia: Recipiente feito de um fruto de uma árvore chamada cuitezeira.

A partir do fragmento, você pode explorar, primeiramente, os pontos de convergência entre os dois textos: ambos buscam resgatar elementos genuinamente brasileiros e revelar uma realidade nacional. Em *Vidas Secas*, Graciliano Ramos projeta, nacionalmente, a figura do sertanejo e suas agruras diante da seca. É o Brasil rural que vem à tona. Em *Macunaíma*, através de elementos míticos, Mário de Andrade desvela a formação do povo brasileiro, heterogêneo em sua própria origem. Os dois romances também dão destaques a elementos representantes de nossa fauna e flora: juazeiros, caatinga, urubus, em *Vidas Secas*; igazeiras, embaúbas, macacos, jacarés, sabiás, em *Macunaíma*. Além desses elementos, os dois textos usam vocabulário e expressões presentes na língua portuguesa falada no Brasil, que sofreu influências indígena e africana. Em *Vidas Secas*, notam-se algumas palavras e expressões próprias do sertanejo: cambaio, aió, cuia, espingarda de pederneira; em *Macunaíma*, observa-se uma profusão de termos indígenas: Tapanhumas, Jiguê, Maanape, cuatá, jacaré-açu entre outros.

Depois de analisarem os pontos de continuidade desse período com a primeira fase modernista, é importante mencionar que, apesar dessa proximidade, os dois romances divergem, principalmente, em relação à sintaxe e à gramática. Comente com os alunos que se observa, no romance de Graciliano, a predominância da variedade padrão e o uso de uma sintaxe mais tradicional, obediente às regras normativas; já na obra andradiana, constata-se o rompimento com esse normativismo, principalmente, em relação à pontuação (ao uso da vírgula). Essa característica está diretamente relacionada ao caráter revolucionário da primeira geração, como já foi visto no primeiro ciclo. Esses traços mostram que a tônica da literatura modernista de segunda fase, apesar de ter dado continuidade a alguns ideais da primeira, trilhou outros caminhos, exigidos pelas configurações históricas e sociais que “condicionaram novos estilos ficcionais marcados pela rudeza, pela captação direta dos fatos, enfim por uma retomada do naturalismo, bastante funcional no plano da narração-documento que então prevaleceria.”¹³

Após essa constatação, você pode retomar algum texto representativo do Naturalismo brasileiro para mostrar essa aproximação do romance de 30 com esse estilo literário¹⁴. Uma sugestão seria trabalhar a obra canônica que marca esse movimento: *O cortiço*, de Aluísio de Azevedo. Antes da apresentação, seria interessante comentar, de forma breve, essa obra. Retratando a vida de um cortiço carioca, localizado no bairro Botafogo, Azevedo faz um recorte de um período importante de nossa formação histórica: Rio de Janeiro do Segundo Império – época em que se inicia o processo de industrialização e que se observa um aumento populacional, principalmente, pela chegada de imigrantes europeus (italianos e portugueses) tendo como consequência o surgimento

13 BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 389.

14 Você pode também comparar textos da segunda fase modernista a obras românticas da primeira fase e apontar as diferenças de abordagem. Enquanto a prosa de 30 apresenta um nacionalismo crítico, a literatura romântica pauta-se em um nacionalismo utópico, ufanista.

de moradias coletivas para abrigar essa nova classe proletária. Uma sugestão para essa proposta é apresentar o trecho seguinte¹⁵:

Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas.
Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada, sete horas de chumbo. Como que se sentiam ainda na indolência de neblina as derradeiras notas da última guitarra da noite antecedente, dissolvendo-se à luz loura e tenra da aurora, que nem um suspiro de saudade perdido em terra alheia.
A roupa lavada, que ficara de vésperas nos coradouros, umedecia o ar e punha-lhe um farto acre de sabão ordinário.
As pedras do chão, esbranquiçadas no lugar da lavagem e em alguns pontos azulada pelo anil, mostrava uma palidez grisalha e triste, feita de acumulações de espumas secas.
Entretanto, das portas surgiam cabeças congestionadas de sono; ouviam-se amplos bocejos, fortes como o marulhar das ondas; pigarreava-se grosso por toda a parte, começavam as xícaras a tilintar; o cheiro quente do café aquecia suplantando todos os outros; trocavam-se de janela para janela as primeiras palavras, os bons dias; reatavam-se conversas interrompidas à noite; a pequenada cá fora traquinava já, e lá dentro das casas vinha choro abafado de crianças que ainda não andam. No confuso rumor que se formava, destacavam-se risos, sons de vozes que altercavam, sem se saber onde, grasnar de marrecos, cantar de galos, cacarejar de galinhas.

Comente com os alunos que, no fragmento, o autor apresenta e descreve o espaço central do romance, o cortiço, como um organismo vivo (“Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas.”). Aqui, parece não interessar o indivíduo, mas o coletivo, já que todos os habitantes do cortiço se transformam em uma única unidade (o cortiço), e as ações relacionadas a seus moradores são diretamente transferidas a esse espaço. Acrescente que, de acordo com as teses naturalistas que influenciaram o romance de Azevedo, o espaço social em que se vive influencia o comportamento das pessoas e todas estão suscetíveis a sofrer as mesmas influências e a agirem como se fossem iguais, pois o

15 AZEVEDO, Aluisio. O cortiço. São Paulo: Klick Editora, 1997, pp. 43-44.

homem seria fruto do meio. Na obra, portanto, o cortiço é o espaço da representação da miscigenação, da promiscuidade, da exploração do homem pelo homem, da degradação social das classes menos favorecidas. Depois dessa breve apresentação, seria interessante ressaltar algumas características comuns aos textos de Graciliano Ramos e de Aluísio de Azevedo, como, por exemplo, o uso de uma sintaxe tradicional, o atendimento a regras normativas, a presença de elementos próprios do cotidiano em que se inserem as personagens e a preocupação em retratar a realidade brasileira. Esses elementos aproximam o Naturalismo e o romance modernista de segunda fase. No entanto, ao realismo científico e impessoal do século XIX, os novos romancistas de 30 preferiram uma visão crítica da realidade¹⁶, influenciados pelos ideais que se iniciaram na primeira fase modernista.

Para os alunos compreenderem, com mais clareza, os pontos de convergência e de divergência dessa segunda fase em relação à primeira, uma sugestão é apresentar a tabela abaixo, que sistematiza semelhanças e diferenças tanto na prosa quanto na poesia:

Tabela 1 – Modernismo: 2ª fase x 1ª fase

		1ª fase modernista
2ª FASE	<i>Semelhanças</i>	<ul style="list-style-type: none"> • CONTEÚDO: valorização da brasilidade; presença de temas do cotidiano e personagens populares. • FORMA: versos livres (poesia) e linguagem popular.

16 Cf. Bosi (2006).

DO MO DER NIS MO BRA SILEI RO	<i>Diferenças</i>	<ul style="list-style-type: none"> • CONTEÚDO: ruptura do modelo arte do passado; crítica à gramática normativa. • FORMA: desprezo por versos regulares, rimas e formas fixas (poesia); desobediência às normas gramaticais da variedade padrão.
--	-------------------	--

Nessa sistematização, os alunos poderão perceber as características da primeira fase que permaneceram durante a segunda (em azul) e aquelas que não tiveram continuidade nas produções de mais relevo deste período em estudo (em vermelho).

Depois de apresentar a tabela, você pode concluir que todo o movimento modernista foi marcado pela interação de duas esferas (ideológica e estética) que resultaram em uma literatura efetivamente brasileira. Acrescente que, no entanto, na primeira fase, teria predominado o caráter estético da literatura com ênfase na ruptura de uma linguagem academista e na incorporação do popular e do primitivo. Na segunda fase, essas conquistas já estavam consolidadas, o que permitiu um engajamento maior da literatura com os problemas do seu tempo, tendo destaque maior o caráter ideológico¹⁷. A partir dessas considerações, leve os alunos a notarem que a geração de 30, ao mesmo tempo em que sedimenta algumas características transgressoras da primeira fase, apresenta um caráter de manutenção dos estilos anteriores.

¹⁷ LAFETÁ, João Luiz. 1930: a crítica e o modernismo. São Paulo: Duas cidades/ Editora 334, 2000.

A fim de que você não se limite a essas sugestões e possa ampliar o planejamento de suas aulas e suas avaliações, foram listadas e comentadas, a seguir, algumas das mais significativas e acessíveis publicações que podem enriquecer o trabalho com as habilidades focalizadas neste ciclo.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Habilidades:

Caracterizar o Modernismo brasileiro.

Identificar o caráter de transgressão/manutenção presente na literatura modernista.

Estabelecer relações intertextuais entre os textos literários lidos e outras formas de manifestação artística.

Livros Teóricos:

ANDRADE, Mário. **O movimento modernista**. In: _____. *Aspectos da literatura brasileira*. 5 ed. São Paulo: Martins, 1974, pp. 231-25.

Neste ensaio, Andrade fala sobre a geração poética dos anos 30, questionando o versolivrismo e o poema-piada que sucederam o movimento modernista. Essa nova linguagem permitiu uma concepção original e diferente sobre a forma da prosa e a da poesia.

BOSI, Alfredo. **Tendências contemporâneas**. In: _____. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006, pp. 409-532.

Neste capítulo, Bosi trata do Modernismo no Brasil depois de 30, abordando questões de ruptura e manutenção entre as diferentes fases do Modernismo e entre esses e outros

momentos de nossa história literária. O autor ainda aborda questões referentes à prosa e à poesia modernista, apresentando os principais autores e obras.

LAFETÁ, João Luiz. **1930: a crítica e o Modernismo**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.

Neste livro, Lafetá analisa o Modernismo brasileiro da década de 1930, do ponto de vista do desdobramento do projeto estético dos anos 1920 ao projeto ideológico dos anos 1930. Na obra, são analisadas as fases de predominância de cada projeto, que se combinaram durante essa fase do Modernismo brasileiro.

MORICONI, Italo. **Como e por que ler a poesia brasileira do século XX**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

Na obra, Moriconi analisa poemas a partir da fragmentação, para posterior reconstrução e contextualização. Com um texto coloquial e didático, o autor propõe uma leitura da poesia brasileira do século XX como pano de fundo para grandes questões culturais, políticas e sociais da nação brasileira.

Livros didáticos:

CEREJA, William Roberto. **Literatura brasileira: ensino médio**. 3 ed. São Paulo: Atual, 2005.

As unidades 10 e 11 (pp. 440-513) tratam da segunda fase do Modernismo brasileiro, na prosa e na poesia, respectivamente. A unidade 10, entre os capítulos 45 e 48, apresenta o romance de 30: no capítulo 45 (pp. 442-449), é proposto um estudo de produções de Rachel de Queiroz; no 46 (pp. 450-462), é enfatizado o Nordeste na prosa do período, com os autores Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Jorge Amado; no capítulo 47 (pp.463-468), destacam-se as produções sulistas de Érico Veríssimo e Dionélio Machado;

no 48 (pp.470-478), são estabelecidos diálogos de outras obras com o romance de 30; ao final, apresenta-se a seção “Em dia com o vestibular”, com questões sobre a temática abordada. A unidade 11 (capítulos 49-52) pauta-se no estudo da poesia de 30: no capítulo 49 (pp. 482-490), é explorada a produção de Carlos Drummond de Andrade; no 50 (pp.491-496), enfatiza-se outra vertente da poesia da segunda fase modernista com Murilo Mendes e Jorge de Lima; no 51 (pp.497-504), destacam-se os poemas de Cecília Meireles e Vinícius de Moraes; no capítulo 52 (pp. 505-513), são propostos diálogos de outras obras e manifestações artísticas com a poesia de 30.

DE NICOLA, José. **Literatura brasileira:** das origens aos nossos dias. São Paulo: Scipione, 2007.

Os capítulos 26 e 27 abordam a literatura brasileira de 1930 a 1945: a segunda fase modernista. No capítulo 26 (pp. 445-474), é apresentada a lírica desse período, com a produção dos principais poetas e as características gerais das obras; além disso, é exposto o contexto histórico em que essa fase se sucedeu; no capítulo 27 (pp. 474-499), é apresentada a prosa, com os principais romances da segunda fase do Modernismo brasileiro.